

ASPECTOS IDENTITÁRIOS E DE ATITUDES DOS FALANTES BILÍNGÜES DA REGIÃO DA FRONTEIRA DO URUGUAI COM O BRASIL – OS DADOS DO ADDU

Dorotea FRANK KERSCH (Universidade do Vale do Rio dos Sinos)

ABSTRACT: *This paper aims at portraying the northern bilingual region on the border between Brazil and Uruguay, and at analysing the identity and attitude issues (concerning those who live in Montevideo vis-à-vis the northern bilingual inhabitants) resulting from the diglossic situation in focus. The data used for the research are from the Atlas Lingüístico Diastrático y Diatópico del Uruguay-Norte, the Northern- ADDU, which focuses on the Portuguese spoken both in Uruguay and in the southernmost regions of Brazil.*

KEYWORDS: *identity; attitude; bilingualism; diglossia*

1. Um pouco de história

A fronteira Brasil-Uruguai tem uma extensão de aproximadamente 1.000km e 60% dessa extensão compreende “fronteira seca”. Sobre os rios Jaguarão e Cuareim existem pontes antigas, que facilitam a comunicação de ambos os lados. Ao longo dessa fronteira, existem cinco pontos urbanos, as denominadas “cidades gêmeas”¹: Artigas-Quaraí, Rivera-Santana do Livramento, Aceguá-Aceguá, Río Branco-Jaguarão e Chuy-Chuí. Santana do Livramento e Rivera formam o maior centro povoado da região da fronteira. Com uma população de 160.000 habitantes, formam uma única urbanização, separada por uma avenida.

Uma parte do território hoje pertencente ao Uruguai foi descoberto em 1516 pelo espanhol Juan Díaz de Solís. Os portugueses, entretanto, já haviam se instalado na região, hoje Norte do Uruguai, antes dos espanhóis. O avanço sobre a assim chamada Banda Oriental, primeiramente pelos portugueses e, posteriormente, pelos brasileiros, iniciou com os Bandeirantes, que vinham de São Paulo e avançavam no interior, com o objetivo de caçar e escravizar índios, não respeitando os limites estabelecidos pelo Tratado de Tordesilhas, nem os posteriores.

Depois da independência, o Uruguai estimulou a imigração, para que o território fosse povoado, e os brasileiros desempenharam aí um papel importante. A maior parte deles ocupava a região ao norte do rio Negro, e apenas poucos se estabeleceram ao sul do rio. A maioria dos imigrantes eram hacendados, que se dedicavam à agricultura e à pecuária. Depois da Guerra Grande (1839-1851), cuja paz o Brasil ajudou a conquistar, o preço das terras uruguaias baixou, o que facilitou a compra de grandes áreas por brasileiros. Conforme Kleinpenning (1995), em 1857 os brasileiros possuíam 428 estancias na região fronteira do norte do Uruguai, de modo que toda a região ao norte do rio Negro vivesse sob grande influência brasileira. Os brasileiros formavam um grupo bastante forte, mas sua contribuição para a economia uruguia era muito pequena, pois continuavam ligados ao Brasil por meio da língua, hábitos e costumes próprios de brasileiros.

O censo de 1860 estimou que 36,5% (15.590 habitantes) da população uruguia era constituída de brasileiros, distribuídos entre os três departamentos fronteiros da época: Cerro Largo, Tacuarembó e Salto (Kleinpenning, op. cit.); três anos depois, acredita-se que 40.000 brasileiros, de um total de 183.000 habitantes², viviam no Uruguai, a maioria deles no norte e no leste.

Mas para Carbajal (1948) a população luso-brasileira do norte do Uruguai era constituída por “indivíduos de razas inferiores”, fruto do comportamento promíscuo dos donos e trabalhadores das fazendas:

Y el producto de esa mezcla racial constituído en núcleo familiar natural o legítimo, continuó poblando los departamentos fronterizos, arraigando hábitos y costumbres heredados de sus mayores. Se mantuvieron así el idioma, el arte culinario, los complejos espirituales, los vínculos sociales y económicos, factores que contribuyeron, durante un largo período, a conformar una sociedad típicamente brasileña en esa parte de nuestro territorio. (p. 99)

Apesar de o autor ter uma visão extremamente preconceituosa em relação ao imigrante brasileiro, fato é que até os dias de hoje se mantêm hábitos, costumes e linguajar bem característicos nessa região, também

¹ Há também algumas povoações menores „gêmeas”, como Serrillada e Cerrilhada, por exemplo.

² Carbajal, 1948.

diferentes do restante do Brasil. Para Carbajal, o norte do Uruguai e algumas zonas dos departamentos de Rocha e Treinta y Tres, até o início do século XX, constituiriam sociologicamente um mundo quase estranho ao restante do país, cuja sociedade tinha sua base assentada na cultura européia³.

Essa situação preocupava o governo uruguaio, e assim se iniciou o povoamento da região por uruguaios, com a fundação de cidades como Artigas, Rivera, Río Branco, Treinta y Tres, entre outras, que tinham outros nomes. Com isso, resolveu-se um problema político: a região já não era povoada somente por brasileiros. Entretanto, não se podia simplesmente apagar a população com hábitos culturais característicos dali. Com a entrada do povoador de fala castelhana, um fato não esperado se cria na região: o português continua sendo falado.

De acordo com Behares (1984), esse povoamento ocasionou a mescla lingüística no norte. Entre 1870 e 1890, o espanhol começa a se expandir sobre a base portuguesa. O Uruguai, por uma política de unificação nacional, impõe o espanhol como língua única em todo o território⁴. Esse confronto do espanhol com o português originou a situação bilíngüe na fronteira, que se mantém até hoje: bilingüismo com diglossia⁵ entre uma variedade *standard*, o espanhol, e outra variedade *substandard* fortemente desestabilizada. Assim, o português, aos poucos, transformou-se numa língua falada pela classe baixa, apenas no âmbito familiar e no meio rural. Uma língua que se mantém entre os pobres e de baixa escolaridade. Entre 1870 e 1920, o Uruguai se nutriu do trabalho dos imigrantes, mas quando em 1877 se criou o *Reglamento de la Instrucción Pública* e se estabeleceu que *en todas las escuelas públicas la enseñanza se dará en el Idioma Nacional*, a diversidade lingüística na região não foi considerada. A política de ensino foi levada a efeito por todo o território uruguaio, com especial ênfase na fronteira-norte, e, através de uma escola monolíngüe, os falantes de português foram aculturados.

Essa política lingüística dá origem a uma sociedade monolíngüe ao longo do território uruguaio, mas forma-se uma comunidade bilíngüe na fronteira, que até 1877 conhecia apenas a língua portuguesa. Conforme Behares (1984, p.16), isso pode ser explicado pelo fato de que povoadores de uma área nova se adaptam mais facilmente. Como na região da fronteira a realidade era outra (como se mencionou antes, os portugueses haviam se estabelecido ali antes da chegada dos espanhóis), formou-se ali uma comunidade bilíngüe e diglósica. Na verdade, o bilingüismo da fronteira é a consequência de uma política lingüística equivocada, que não considerou a realidade lingüística da região.

A implantação da política de castelhanização no norte do Uruguai dá origem a uma mudança de atitude dos usuários em relação ao português e ao espanhol. A variedade do português falado na fronteira perde o prestígio e passa a ser associado a pessoas de nível social baixo⁶. As atitudes de quem vive na região, falante dessa variedade ou não, são de desprezo e desvalorização do falante e da variedade. O espanhol, a seu turno, passa a ser tomado como referência e modelo do que é correto. Apesar dessa situação de preconceito e da repressão ao uso do português, ele se mantém ao longo do tempo.

Behares (1984) relata casos de pessoas que se sentem inferiores por serem falantes de uma variedade do português, outras que se envergonham de seu sotaque. Menciona o exemplo da mãe que mandou o filho a Montevideu com medo de que adquirisse o sotaque próprio da fronteira e, no futuro, o jovem pudesse ter as suas possibilidades de trabalho limitadas. O autor lembra, ainda, o caso de falantes de uma variedade do português que omitem o fato de seus amigos, como se falar essa variedade fosse uma doença.

³ Para Carbajal, a cultura brasileira não poderia estar incluída nas de "base européia".

⁴ O Reglamento de la Instrucción Pública foi estabelecido durante a ditadura de Latorre, que tinha José Pedro Varela (1845 - 1879) no cargo de presidente da Comissão de Instrução Pública. Varela, chamado o "Reformador", com suas obras "La adecuación del pueblo" e "Legislación escolar", lançou as bases da escola uruguaia, as quais permanecem até hoje.

⁵ Em Kersch (1996, p.30) apresentamos o conceito de diglossia: segundo Ferguson (1974) caracteriza a coexistência de duas variantes de uma língua, cada uma desempenhando um papel definido: a variante superposta chamada de variante H (high) e os dialetos regionais chamados de variantes L (low). Numa situação de diglossia, H e L possuem funções distintas, próprias para cada situação. H é a variante de prestígio, ensinada nas escolas e, por isso, há uma crença de que H seja uma língua mais bonita, mais lógica, mais capaz de expressar sentimentos importantes (op. cit. p. 104). L é a variante considerada "normal" na aquisição da língua materna. Enquanto L é aprendida sem discussão explícita dos conceitos gramaticais, a gramática de H é aprendida, mediante instrução formal, em termos de regras e normas a serem imitadas, regras do que é certo ou errado. L compreende um conjunto de variedades e variantes regionais fazem parte desse conjunto. Na verdade, o conceito inicial de Diglossia foi apresentado por Ferguson em 1959, e modificado por Fishman (1967, apud Tarallo, 1987). Fishman estende a conceituação de Ferguson, acrescentando que é diglósica qualquer sociedade em que duas ou mais variedades são usadas em situações distintas e diferenciadas. Dessa forma, no caso dos dados do ADDU, podemos falar em bilingüismo com diglossia, porque o Espanhol (variedade alta) é a língua institucional, de prestígio e ensinada na escola. A variedade do português ali falada é reservada à esfera familiar e doméstica.

⁶ Em épocas mais antigas, era associado a pessoas sem caráter moral, como quer Carbajal (1948).

2. As atitudes dos falantes: os dados do ADDU

Passemos agora aos dados do ADDU⁷, que são a base de nosso estudo aqui. A atitude negativa em relação aos falantes das variedades de português da fronteira é facilmente identificada na declaração de um informante que tem o espanhol como língua materna, vive na região e convive diariamente com essa realidade:

Exemplo 1:

*E: Es sistemático eso quando hablas brasileiro con gente que habla brasileiro o raramente
I: Yo solamente con mi madre y con mis hermanos en casa hablamos as... en esa mezcla... ahora... lo que decía... procuro con gente brasileña hablar mi español para no contagiarme y deformar mi idioma. (CL2 - CaGI - Mulher, 26 anos).*

Numa comunidade diglósica, é comum haver um julgamento desse comportamento lingüístico, que se manifesta através de atitudes lingüísticas. Entre as classes média e alta, as atitudes são de desprezo em relação aos falantes das variedades de português, os quais são associados a baixo nível social, o que pode ser observado na declaração da informante abaixo:

Exemplo 2:

*I2: Claro... la empleada de mi hija de Yaguarón es brasileña... y ella en la casa de ella se habla el portugués... es una negra vieja... pobrecita... esa habla portugués pero entonces no solo son analfabetos sino que són así incultos totalmente
E: Hmm
I2: Es una gente que no se podría hablar con ella... pero ¿ustedes no piensan llegar a Río Branco? (CL1 - CaGII - Mulher, 67 anos)*

Entre as classes baixas, falantes monolíngües de uma variedade de português, reina um sentimento de inferioridade⁸, como mostra a declaração a seguir:

Exemplo 3:

*E2: Carimbão é uma língua que se fala ou é outra coisa?
I1: Não, é que a língua brasileira francamente, nós não entendemo ela bem clara
E: Hmm
I1: Como porque quando nós vamo a um banco o algo e pelo [- ? -] porque hay que entender
[- ? -] por isso nós dizemo que nós temo na frontera temo uma língua atrasada pero [risos] não é bem clara como a deles. (R 1 - CbGII - Mulher, 57 anos).*

Essas atitudes são resultado da planificação educativa implementada na região bilíngüe da fronteira, já mencionada anteriormente. Ouvindo as entrevistas dos informantes do ADDU⁹, é possível verificar a atitude negativa que têm em relação à língua que falam. As perguntas 20 a 25 dos questionários para o português e para o espanhol tratam da consciência lingüística que os informantes têm em relação à língua que falam, e nos auxiliam a compreender como os moradores da região da fronteira do Brasil com o Uruguai se vêem e são vistos pelos montevideanos e pelos uruguaios hispanófonos.

Os informantes do espanhol, quando são perguntados como se chama a língua que falam (pergunta 20), têm resposta imediata, ainda que exista a dúvida quanto ao nome que possa ser mais correto: *español*, *castelhano*, *oriental*, ou até mesmo *uruguayo*. Já para os informantes do português essa pergunta é difícil de ser respondida sem vacilar.

Detenhamo-nos um pouco nos informantes de português, que, no território uruguayo, formam um grupo minoritário. Ao serem perguntados sobre qual língua falam, a resposta raramente é imediata, e, não raras vezes, a ajuda do entrevistador se faz necessária. Vejamos algumas respostas dos informantes em relação ao assunto:

⁷ ADDU-Atlas Lingüístico Diatópico e Distrático del Uruguay é um projeto da Universidade de Kiel em parceria com a Universidad de la República, de Montevideu, com as coordenações de Harald Thun e Adolfo Elizaincín, respectivamente. O Atlas é dividido em duas partes: o ADDU e o ADDU-Norte, que contempla o norte bilíngüe. Thun (2000) afirma que o material do ADDU possibilita a descrição das variedades lusas do Norte do Uruguai, sendo possível captar a dinâmica interna dessas variedades e suas relações com a lusitanidade brasileira e européia. O levantamento dos dados foi feito entre 1989 e 1992.

⁸ Esse sentimento de inferioridade não deve ser entendido, entretanto, como responsável por tristeza ou sofrimento. Pelo contrário, a consciência de que a variedade que falam não goza de prestígio não lhes tira a alegria e o bom humor, como se pode ver, inclusive no exemplo 3, em que a informante começa a rir quando fala de sua realidade lingüística. Esse compartimento se repete em muitos dos informantes.

⁹ É importante lembrar que as entrevistas do ADDU foram realizadas no período de 1989 a 1992.

Exemplo 4:

I1: *Bueno, no sé se portuguêis o [incompr.] estraga-idioma [incompr.]*

I2: *Para nosotros é portuguêis na fronteira*

I1: *É (A5 - CbGII - Mulher, 72 anos).*

Exemplo 5:

I1: *Ai, agora o senhor me apertou*

E: *Como é tu diz: eu falo em... quê?*

I1: *Brasilero (CL3 - CbGI - Mulher, 25 anos).*

Exemplo 6:

I: *Bueno... aqui nós dizemo baiano... porque semo entreverado... não somo brasileiro nem uruguaio*

E: *Baiano? Tem outro nome também?*

I: *Sim... tem... Bueno... dizem brasileiro... brasileiro não é? Nós semo baiano entreverado (T3 - Gb GII – Homem)*

Exemplo 7:

I1: *Mire... aqui neste momento não semo brasileiro nem semo como é este*

I2: *Fronteiriço*

I1: *Hein? Bueno... semo fronteirista... isto se sabe bem*

E: *Mas a língua isto que estamos falando*

I1: *Sim*

I2: *A língua... como é nome no más... como se diz*

I1: *Como é que eu ia te diz... sim... que velhos me diziam que nós não semo brasileiro... estropiemo o idioma brasileiro aqui*

E: *Mas não tem nome isto que estamos falando?*

I2: *Escuta... ele tá te perguntando a língua... como é que se diz*

E: *A idioma*

I1: *Como é que se dizia... é algo meio estranhero*

I2: *Em uruguaio dizem lengua e em brasileiro dizem língua*

E: *Não... esta língua não... ahn... ahn...ahn as palavras... isto que estamos falando agora*

I2: *Ah... pois é fronteirista... esqueceu no más*

I1: *Sim... é fronteirista... ansim [incompr.] (S3 – CbGII - I1: Homem, I2: Mulher).*

Nos exemplos acima, percebe-se a dificuldade que os informantes têm em responderem à pergunta que lhes é feita. Nota-se também a atitude negativa que têm em relação à sua forma de falar ao classificá-la, por exemplo, como “estraga-idioma”, e a consciência que têm de que não são brasileiros nem uruguaios (Exemplos 6 e 7), por não falarem a língua do país em que moram. Evidentemente, na escola lhes foi ensinado que são uruguaios, e uruguaios devem expressar-se em *idioma nacional*, de modo a não atentarem contra a soberania nacional. Nesses informantes, é possível perceber, além da dúvida na resposta, a avaliação negativa que fazem de seu linguajar, ao denominá-lo “estraga-idioma” ou “entreverado”.

Blaser (2003, p.112), pesquisando os nomes que os informantes da região da fronteira atribuem à língua que falam, afirma que “entreverado” é usado no sentido de “mezclado desordenadamente”¹⁰. Daí se conclui que, em referência ao idioma, o substantivo ou adjetivo “entreverado” tem uma conotação negativa. Segundo ela, a língua que os informantes usam não pode ser caracterizada nem como espanhol nem como português.

A autora ainda apresenta como resultado de sua pesquisa as expressões “atravessado”, “brasileiro renegado”, “rompe-idioma”, além de “estraga-idioma”, que apareceu no exemplo 4, da página 6. Para Blaser, os falantes têm consciência de que sua forma de falar não goza de prestígio nem corresponde à norma padrão. Os próprios nomes por que é conhecida a variedade de português falada na fronteira não são neutros (à exceção de fronteiriço). Nas entrevistas do ADDU, é investigada a seguinte nomenclatura por que os falantes identificam a língua que falam: *carimbado* (com as variações *carimbão* e *acarimbado*), *corruptio*, *baiano* (ou *bayano*), *portunhol* (ou *portuñol*) e *abrasileirado*.

Thun (1986) em levantamento de dados preliminar para a montagem do Projeto ADDU, afirma que, já com um primeiro levantamento, não pode concordar com Rona (1965), que afirma que *los mismos habitantes de esta región llaman dialecto fronterizo* (a su lengua). Para Thun, *fronteiriço/fronterizo* e

¹⁰ Blaser aqui baseou-se no Nuevo Diccionario de Uruguayismos, (1993).

portunhol/portuñol são denominações usadas pelos lingüistas na literatura a respeito. Das entrevistas iniciais, o autor teve como resultado os vários nomes atribuídos a essa variedade: carimbão (com as variações carimbado e acarimbado), corripio, baiano (ou bayano) e abrasileirado, praticamente todas com conotações negativas. Carimbão (e suas variações), segundo Thun, não são registrados em nenhum dicionário e, para ele, há duas explicações possíveis para o significado que adquiriram na região. O autor afirma que *carimbão*, *carimbado* e *acarimbado* derivaram pelo mesmo processo de *abrasileirado* ou *aportuguesado* de *carimbo*, *calimba* e *calimbo*, que em outros países de fala espanhola, como Cuba, Peru, Porto Rico e Bolívia, significam *ferro de marcar gado e escravos*. Do mesmo modo, *carimbo* e *carimbar* são palavras correntes no português. Como palavras utilizadas para designar a variedade lingüística falada na fronteira do Uruguai com o Brasil, o autor acredita em duas possibilidades. Em primeiro lugar, podem ter sido usadas em tempos mais remotos como xingamento e terem permanecido em uso, ainda que nenhum informante saiba dizer o porquê desse uso, uma vez que esse significado deve ter caído no esquecimento. Em segundo, o autor crê que se poderia pensar num desenvolvimento paralelo do português para o espanhol:

Corominas/Pascual führen calimbo auf arab. gâlib (Kaliber) zurück und belegen aus einem spanischen Text vom Anfang des 17. Jahrhunderts (also ein spätes Zeugnis) den Ausdruck de mi calimbo (von meinem Schläge). Carimbado könnte demnach heißen „zu denen von unserem Schläge gehörend“, was dem Bewusstsein, etwas Besonderes in eine andersartigen Umwelt zu sein, entspräche. (p. 61)

Quanto a corripio, Blaser (2003) afirma que se trata de um brincado, bem como de brincadeiras em que as crianças giram em círculo, sendo ainda uma espécie de dança, conhecida sob o nome de roda-viva, conforme registra o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (1986)¹¹:

roda-viva. S.f. 1. Movimento incessante; azáfama, lufa-lufa, cortado corripio. 2. Barafunda, confusão, atrapalhação.

Blaser crê que os significados *confusão* e *atrapalhação* poderiam ter se estendido para a designação daqueles que não falam nem espanhol, nem português (e, por isso, também *entreverado*).

Igualmente *baiano/bayano* tem conotação negativa, por ser usado de forma pejorativa por montevidianos para designar os falantes da região da fronteira, por sua proximidade com o Brasil; *baiano*, aquele que vem da Bahia, cuja população é, em sua maioria, constituída por mulatos e negros. Quer dizer, a idéia negativa que alguns uruguaios (especialmente os montevidianos) têm em relação aos moradores da fronteira, por serem descendentes de portugueses e mestiços, acaba sendo transferida também para os falantes dessa variedade.

Já em relação a *abrasileirado*, o adjetivo designa, segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (1986, apud Blaser 2003), aquele “que tem modos, feição, sotaque brasileiro”. Também no *Nuevo Diccionario de Uruguayismos* (1986)¹², o segundo verbete apresenta “Ref. al modo de hablar: con influencia del portugués del Brasil”. Essa designação também não chega a ser neutra, uma vez que, no imaginário popular, pode referir-se ao extremo sul do Brasil, e aí voltaria a ter as mesmas associações: língua de pobre, de preto, de mestiço, de gente sem “berço”.

A variedade que o indivíduo utiliza o situa dentro de uma camada da sociedade, e o falante vai tomando consciência de que a língua que fala serve como uma espécie de carta de apresentação, fazendo parte da sua identificação pessoal. Falar uma variedade do português na região da fronteira pode ser encarado como uma aberração (ou até mesmo uma patologia, como vimos antes), como mostra a fala do informante a seguir:

Exemplo 8:

11: (Carimbado) quer decir que hablamos atravesado, hablamos mal, que no es normal
(T3 – CbGI, homem, 21 anos)

Por outro lado, como mencionamos antes, os informantes lidam com a questão do desprestígio de sua variedade com bom humor, o que é facilmente compreendido, uma vez que o português é a variedade falada na esfera doméstica e familiar. As declarações explícitas que os informantes dão, principalmente os de áreas rurais, mais distantes da fronteira, são negativas, porém, na vida cotidiana, a variedade da fronteira é elemento de coesão, que aproxima os pertencentes àquela comunidade de fala e, faz com que sintam a satisfação de terem algo próprio, que os identifica com a região¹³.

¹¹ Apud Blaser, 2003, p. 108.

¹² Também apud Blaser, 2003, p. 111.

¹³ Ouvindo as entrevistas, pode-se perceber pela entonação, pelos risos, que mesmo que os informantes se manifestem negativamente em relação à sua variedade. Também se nota claramente que, quanto mais distante da fronteira, mais a avaliação é negativa. Já na proximidade com a fronteira, uma variedade do português é a língua da brincadeira, da fala com os amigos, do trivial, do lazer.

3. Atitudes dos uruguaios em relação ao espanhol que falam

Segundo Bolón (1983), a atitude negativa do indivíduo em relação à língua e seus falantes, faz com que ele desenvolva uma série de julgamentos sobre a sua fala e sobre a fala dos outros, a maioria deles carregados de subjetividade e sem nenhum valor científico. No Uruguai, de um modo geral, é comum os falantes avaliarem sua fala de forma negativa. Bolón sistematiza as idéias gerais de como o uruguaio médio avalia a sua fala, as quais são, segundo ela, resultado de várias pesquisas, de autores que ela não cita, sobre o assunto (p. 116-118). Reproduzimos essas idéias abaixo:

- 1) os uruguaios têm dúvidas se a língua que falam se chama espanhol ou castelhano (isso é facilmente confirmado entre os informantes do ADDU) e gostam da expressão *idioma nacional*;
- 2) o uruguaio comum ignora o fato de que a diversidade é característica comum a todas as línguas e crê que existe somente uma forma correta, verdadeira;
- 3) conseqüentemente, considera toda diversidade como erro;
- 4) crê que a língua “correta” é a que se fala na Espanha, ainda que o contato maior que tem com peninsulares seja com galegos. O uruguaio comum ignora a diversidade lingüística da Espanha;
- 5) crê-se que o espanhol “mais correto” seja o de Castilha, ignorando-se o fato de que também ali a língua não é monolítica;
- 6) assim, o uruguaio crê que se fala muito mal o espanhol no seu país e, acrescentando o fato de perceber que a variedade uruguaia é muito diferente da peninsular, acredita que no Uruguai há desvios da norma;
- 7) a tudo isso se acrescenta o fato de que se usam muitos termos estrangeiros em lugar dos espanhóis, crendo que esse é um fenômeno exclusivo do Uruguai;
- 8) crê, ainda, que o ideal de língua correta é o previsto pela Real Academia Espanhola, cuja autoridade não é discutida.

Em relação aos tópicos elencados acima, podemos concordar com a autora e acrescentar que algumas dessas concepções a respeito da língua que falam podem ser constatadas entre os informantes do ADDU-Norte:

Exemplo 9:

yo pienso que es la lengua castellana, la lengua con todos los [risos] defectos que podamos, quizás sea injusto esta [-?]-ción que estoy haciendo, no creo que podamos hablar con la pureza de los padres de la lengua, de la gente que vive en España, [incompr.] zona prácticamente de España, pero vamos un poco por la costumbre o por ignorancia y pensamos que hablamos el idioma español o la lengua castellana. (R2 – CaGII, Homem).

Quanto à idéia de que o espanhol correto é o previsto pela Real Academia Espanhola, vale fazer alguns comentários. A tarefa da Academia Espanhola, como das academias similares em outros países, como, por exemplo, no Brasil, tem sido de selecionar as formas e estruturas que seus membros consideram as melhores, julgamento que nem sempre tem critérios científicos. Esses julgamentos quase sempre se baseiam em critérios sociais, ou seja, um termo é considerado mais “correto”, por ser usado por um grupo que goza de maior prestígio. Evidentemente, esse critério de seleção do que é melhor ou pior usado pelos membros da Academia e por aqueles defensores da língua que Bagno (2000) denomina *comandos paragramaticais*¹⁴ não é o mesmo critério de seleção usado pelos falantes num momento de interação social. Assim, a distância entre a língua falada no dia-a-dia e a ideal que é considerada correta vai se ampliando.

4. Atitudes dos uruguaios em relação à língua que falam os moradores da região fronteiriça

Se os uruguaios, em geral, têm uma atitude negativa em relação ao espanhol que falam, também é natural que os informantes do ADDU tenham consciência de que a variedade que falam é bastante diferente, tanto do espanhol quanto do português falado no restante do Brasil, e é natural que já tenham sido convencidos de que o que falam é um “estraga-idioma”. Apesar disso, os falantes identificam-se com o falar da região, o que é atestado na afirmação seguinte, com o uso da primeira pessoa plural:

¹⁴ Comandos paragramaticais, para o autor, são livros escritos em todas as épocas pelos “defensores da língua” que se posicionam contra erros comuns, uso de estrangeirismos, anunciam a “ruína da língua de Camões” e a pobreza da língua usada pela atual geração. Hoje, além da publicação de livros, os comandos paragramaticais estão presentes também na mídia: ocupam espaço em jornais e revistas, estão no rádio e na televisão, dão “consultas” por telefone e, ainda, na internet. Gozam de prestígio e são perpetuadores da ideologia do preconceito lingüístico.

Exemplo 10:

I2: Portunhol é este idioma que nós falemo, português com espanhol. (A2 – CbGII – Mulher, 80 anos)

Por outro lado, os falantes que têm o espanhol como língua materna se excluem do grupo de falantes de uma variedade do português, e não gostam que os montevideanos os incluam entre os *bayanos*:

Exemplo 11:

I: En Montevideo nos llaman bayanos... Los montevideanos o alguna gente del interior lejos de acá... por contacto con los brasileños nos llaman así bayanos

E: ¿Tiene alguna idea por qué esa palabra de bayano?

I: Bueno... es un término que usan los brasileños acá... Gente... más bien gente común... de bajo nivel eso significa... ese nombre es un poco peyorativo... no (R1 - CAGII - Homem, 61 anos)

Na afirmação do informante acima, os montevideanos os chamam de *bayanos*, mas, para eles (falantes que têm o espanhol como língua materna), *bayanos* são os outros, a gente comum, de baixo nível. A opinião dos informantes do grupo topodinâmico¹⁵, oriundo de Montevidéu, confirma o fato de que os montevideanos fazem uma avaliação negativa da forma de falar dos moradores da região da fronteira:

Exemplo 12:

...la mayoría de esta gente que usted conversa tu vas a ver que no saben ni hablar... y ¿por qué no saben ni hablar? Porque tampoco dominan un verdadero... vamos decir, el portugués de ellos... están equivocados... en pronunciamento no más... porque una cosa es pronunciar otra cosa es hablar. (TO 1 - CAGII – Homem)

Também entre os informantes de classe baixa existe o sentimento de identificação com o espanhol e o preconceito em relação aos falantes de português:

Exemplo 13:

I1: Bueno la forma de hablar es que ellos todos la gente de acá habla en portuñol y nosotros hablamos el castellano... Entonces nosotros no nos acostumbramos a eso... porque yo hablo toda vida el castellano... Hay situaciones a veces que hablo... pero si no lo puedo hacer no lo hago... (...) me sale hablando el portuñol y yo le hablo en castellano... entonces siempre tamo desencontrados... Yo no estoy desencontrado porque mi tema... mi país... mi vida... porque de acuerdo adulto no voy a cambiar. (TO1 - CbGII)

Pelas afirmações dos informantes, parece que os nascidos em Montevidéu julgam ter uma identificação maior com o Estado uruguaio. Apesar de morarem há mais de cinco anos na fronteira, não se consideram “gente de acá”, pois isso são “ellos”, não “nosotros”. Ao não reconhecerem a diversidade lingüística e cultural do país, crêem que os habitantes da fronteira se consideram menos uruguaios:

Exemplo 14:

I2: Yo pienso que se nota porque ponen mucho acento para hablar... es la diferencia que yo veo... Por ejemplo... yo estoy en la peluquería y estoy charlando con la peluquera y entra una persona y me dice “usted no es de acá”... Sí... yo soy de acá le digo... Me dice “no”... me sigue escuchando e dice “no... usted no es de acá”... Claro que soy... Y la peluquera se pone muy fatigada conmigo (...) Yo soy de acá... por acá somos todos uruguayos... Yo eso le hago notar... Y ellas notan que yo no soy de acá... (TO1 - CbGII)

Enquanto para os que nasceram e se criaram na região da fronteira a convivência com o Brasil e com os falantes de português é produtiva, para quem nasceu e se criou em Montevidéu parece ser difícil de compreender e aceitar essa convivência, como se a fronteira política tivesse mesmo que separar dois países, duas línguas, duas culturas:

¹⁵ O termo topodinâmico, segundo Thun (1996, p.211), refere-se ao grupo de informantes móveis, em contraste com o grupo sedentário, ou seja, o topostático. O ADDU, por ser um atlas pluridimensional e relacional, diferencia-se dos atlas que dão conta apenas da dimensão diatópica. No ADDU, além das outras dimensões (dialingual, diastrática, diageracional, etc.), a dimensão diatópica é dividida em topostática e topodinâmica, de modo a captar também a dimensão da mobilidade dos falantes, tão comum no Uruguai e na maioria dos países da América do Sul.

Exemplo 15:

I1: Soy yo uruguayo de Montevideo... que soy montevideano... porque vine para acá vivir... Que hace cinco años y medio que estoy acá... Entonces te llaman castellano... “oi... o castelhano”... Como si ellos se (...) extranjeros... están viviendo en la República Oriental del Uruguay... son riverenses... pero como tienen las costumbres brasileñas del portuñol... ellos falan el portuñol: tudo bem? Tu tá bem? Tua familia tá bem? No dicen la familia... Tudo bem? Quiere decir que el todo ya abarca toda su familia... otro costumbre brasileña (TO1 - CbGII)

O mesmo acontece com os riverenses que passam a viver em Montevideú: sua fala com sotaque fronteiriço os condena:

Exemplo 16:

I2: Acá nos dicen bayanos...

II: Pero a nosotros... no a la lengua... dialecto o cualquier cosa... (TO 2 - CaGI)

Essa mesma opinião é partilhada por um informante do ASDEU, ao se manifestar em relação à colonização da região de Montevideú e o restante do país:

Exemplo 17:

Este (los cantregiles) es el fenómeno del de la gente aculturizada que llega a Mon... a Montevideo (...) Es una civilización distinta... con valores culturales distintos... Yo pienso que son los los girones del artiguismo que han quedado allí... definitivamente destruidos por la máquina la máquina urbana... ¿verdad? Vemos gente que no se ha asimilado a la cultura de los valores ha... habituales... gente que no le interesan ninguna de las cosas que le interesan a los a los monteviduanos... ni a los que se dicen civilizados... Es una mezcla extraña de cultura medieval... de valores feu feudales en donde lo lo más importante de todo es el coraje físico y el placer del del mo... del momento... una vida sin futuro... en donde el futuro no inte no interesa (inf. N° 63, homem, 45 anos, advogado)

Evidentemente a explicação para esses juízos de valor e preconceitos em relação a pessoas de menor escolaridade, detentores de uma cultura diversa, que falam um dialeto de menor prestígio, pode ser encontrada dentro da própria sociedade em que essa comunidade de fala está inserida, e são difundidos por determinadas instituições e indivíduos que impõem o seu ponto de vista. E, segundo Bolón, a primeira dessas instituições é a escola, que, ao oferecer um ensino monolíngüe e insistir em pregar um ideal de língua, estabelecendo “como se deve dizer” e não como na realidade “se diz”, difunde entre os alunos e fortalece neles a idéia de que existe somente uma língua correta. Entre os informantes do ADDU encontramos a confirmação da afirmação de Bolón:

Exemplo 18:

I: Porque me acostumei já a falar com...com...desde que empecemo a falar...já falamo em brasileiro. Porque na escola mesmo nos proibiam...que a veces falavamo em brasileiro...a própria maestra dizia...e a veces...quando vinha o inspetor falávamo em brasileiro...en uruguayo...pero ai não...ai entreverava tudo

E2: E na sua casa...como

I: Ah...sempre falava em brasileiro (R3 – CbGI)

Como se percebe no depoimento do informante acima, na escola, na incapacidade de lidar com o bilingüismo dos alunos, a língua materna lhes era proibida. Pelo fato de não contar com profissionais preparados para lidar com a situação do aluno bilíngüe, a escola acabou por fortalecer o preconceito em relação às variedades do português e seus falantes, disseminando uma atitude negativa em relação a eles, elegendo o espanhol como a única variedade correta, e relegando às variedades do português um papel marginal. Os alunos, segundo Barrios (1997), foram convencidos de que sua forma de falar era inconveniente e, portanto, era melhor que fosse substituída. Muitos habitantes da região da fronteira concluíram também que ser falante de uma dessas variedades poderia limitar-lhes as possibilidades de trabalho, como já se mencionou antes.

Entre os professores, apesar dos avanços que já se fez, ainda há quem considere que ser falante de uma variedade do português prejudica o rendimento da criança na escola, acreditando que a solução seja intensificar o ensino do espanhol e combater o bilingüismo. Behares (1984) menciona que falta formação e informação aos professores em relação ao bilingüismo, afirmando que, em nenhum ponto do planeta, foi comprovado que existe relação direta entre desenvolvimento intelectual e bilingüismo, ou que o bilingüismo desempenha algum papel especial no desenvolvimento das funções mentais. Pelo contrário, afirma o autor,

crianças que são bilíngües desde pequenas desenvolvem a sua consciência lingüística e os processos metalingüísticos subjacentes ao uso da linguagem (p. 36).

Já Trindade et al. (1995) afirmam que muita coisa mudou a partir de 1985. Os autores acreditam que as atitudes em relação às variedades do português mudaram. Apesar de o ensino continuar a ser monolíngüe, a repressão praticamente desapareceu, dando lugar ao respeito à diversidade e à diferença. Em algumas escolas (como em Rivera), é permitido às crianças o uso de variedades do português, e os professores são estimulados a levar em conta a realidade das crianças. Além disso, são realizadas experiências que tendem a diminuir os efeitos negativos do ensino monolíngüe. Ainda que a situação não seja a ideal, verificar que o preconceito em relação ao português que se fala na região e seus falantes diminui gradativamente já é animador.

Além da escola, também os meios de comunicação tratam de fomentar o preconceito e a marginalização das variedades do português e seus falantes. Ao apresentarem uma programação de variadas procedências, acabam expondo o uruguaio a diferentes variedades de espanhol (mexicano, portorriquenho, argentino, peninsular, além do espanhol riopratense em vários estilos, com locutores que nem sempre sabem a que situação cada estilo é adequado). Bolón (1983) afirma que, nas novelas argentinas e mexicanas, os diálogos das personagens são feitos num nível extremamente formal e artificial, que ninguém usa no dia-a-dia. A maioria dos uruguaiois, entretanto, não percebe essa situação de forma crítica e

aceptan esos modelos como la forma “correcta” o “ideal” de hablar; por oposición, su propia lengua coloquial les parece pobre, lo que les lleva a afirmar su convencimiento de que “hablan mal”, idea que como hemos señalado está en el fondo de muchas de las actitudes lingüísticas del hablante uruguayo. (BOLÓN, 1983, p.124).

Nos jornais, a situação é mais crítica, pois além de ser oferecido o modelo de língua correta, proliferam colunas que apresentam juízos de valor acerca da linguagem cotidiana. São artigos escritos normalmente por professores de espanhol, que anunciam o desastre lingüístico a que se encaminha, em suas opiniões, o espanhol falado no Uruguai. As inovações lingüísticas, segundo Bolón, são interpretadas por esses professores como um caos para o idioma. No caso dos “comandos paragramaticais” uruguaiois, Bolón afirma que o espanhol que eles defendem é um modelo de língua que cada um imagina como ideal, modelo que normalmente é “monolítico, casticista y conservador” (p. 125). E a população média acaba por aceitar as opiniões desses que se dizem especialistas em questões de língua. Evidentemente, cada falante tem a capacidade e o direito de se manifestar sobre ela¹⁶. Entretanto, esses conceitos, na maioria das vezes, partem de generalizações, criam estereótipos, de modo que esses “especialistas” acabam por difundir o preconceito lingüístico e reforçar a baixa auto-estima do falante em relação à língua que fala.

Se o uruguaio médio tem uma atitude negativa em relação à língua falada em seu país, é facilmente compreensível também que montevideanos considerem riverenses *bayanos* (mesmo que já morem há mais tempo no sul), e que o falante do português falado na fronteira seja considerado *rompe-idioma, estraga-língua*, e a língua que falam ser apenas um *entreverado* ou, na melhor das hipóteses, *portuñol* ou *abrasilerado*.

No norte do Uruguai ocorre um fenômeno interessante¹⁷: os lusofalantes têm uma **auto-imagem** negativa – avaliam a variedade que falam de forma negativa, uma vez que se trata de uma mescla difícil de definir. Além disso, a escola sempre exerceu um papel repressor em relação a essa variedade, considerando que o melhor seria substituí-la. A **heteroimagem**, por sua vez, é coincidente: os hispanofalantes consideram que os lusofalantes falam algo que não é nem português, nem espanhol, o que poderia ser sintetizado da seguinte maneira:

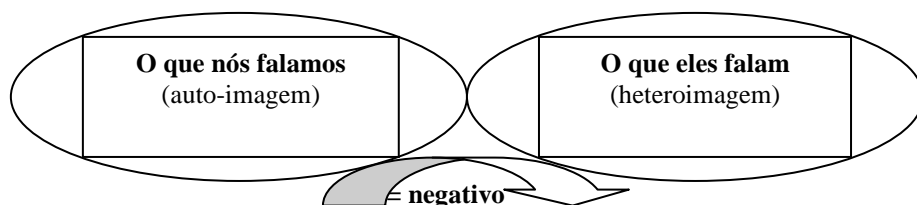


Figura 1 – Imagem que os falantes da variedade do português no Uruguai fazem de si e dos outros

¹⁶ Nas entrevistas do ADDU, por exemplo, os informantes não são meros fornecedores de informações, mas é-lhes dada a oportunidade de refletir sobre a língua e manifestar-se sobre ela. Esse comportamento faz parte da competência lingüística de cada indivíduo (Thun, 2000, p. 134). O que se condena aqui é usar, por exemplo, os meios de comunicação para impor sua opinião e emitir juízos de valor em relação a variedades de menor prestígio.

¹⁷ Kersch, 2006.

5. Considerações finais

Os falantes de português que vivem no norte do Uruguai (e, de certa forma, também os brasileiros que vivem no extremo sul do Rio Grande do Sul) têm consciência de que a língua que falam é diferente do português falado no restante do Brasil, avaliando sua fala de forma negativa. No Uruguai, também os falantes de espanhol, em especial na escola e na imprensa, emitem juízos de valor em relação a essa maneira especial de falar português, mesclado com o espanhol. Essa forma de falar, de que, às vezes, se envergonha seu usuário, e ainda é vítima de preconceito, entretanto, não tira dos falantes o sentimento de identificação com a variedade e com a região. Justamente a mescla que ali se fala é um dos fatores de integração de fronteiras e de duas culturas.

RESUMO: *O objetivo deste trabalho é retratar o norte bilíngue da fronteira do Brasil com o Uruguai as questões identitárias e de atitudes (dos montevidianos em relação aos moradores do norte) decorrentes da situação diglósica que ali se criou. Os dados utilizados para a pesquisa são os do Atlas Lingüístico Diastrático y Diatópico del Uruguay-Norte, o ADDU-Norte, que contempla o português falado no Uruguai e no extremo sul do Brasil.*

PALAVRAS-CHAVE: *identidade; atitudes; bilingüismo; diglossia*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos (2000): **Dramática da língua portuguesa**. São Paulo: Loyola.
- BARRIOS, Graciela (1997). Planificación lingüística en zona de frontera: una visión ecodinámica de los contactos lingüísticos. In: BEHARES, L. E. (org.) **Segundo seminario sobre educación y lenguaje en áreas de frontera**. Montevideo: Universidad de la República, p. 21-26.
- BEHARES, Luis Ernesto (1984): **Planificación lingüística y educación en la frontera uruguaya con Brasil**. Montevideo: Instituto Interamericano del Niño.
- BLASER, Jutta (2003): „**Carimbão**” oder **“Corrupio”**: Sprachmischung und Bewusstsein im Norden Uruguays. In: MESSNER, Dieter & PERL, Mathias (Hrsg). Portugiesisch in der Diaspora: Vorträge vom 4. Deutschen Lusitanistentag an der Universität Mainz (2001). Gernersheim/Rhein: Centro de Estudios Latinoamericanos; Institut für Romanistik/ Univ. Mainz, p. 103-129.
- BOLÓN, Alma Pedretti de (1983): **El idioma de los uruguayos – unidad y diversidad**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental.
- CARBAJAL, Carlos (1948): **La penetración luso-brasileña en el Uruguay**. [s.n.]: Montevideo.
- KERSCH, Dorotea Frank (1996): **A palavra ONDE no português do Brasil**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mimeo.
- KERSCH, Dorotea Frank (2006): **A construção relativa na língua falada**. Enfoque na fronteira bilíngüe do Brasil com o Uruguai, comparado ao espanhol e ao português riopratense e europeu. Kiel: Westensee Verlag.
- KLEINPENNING, Jan M. G. (1995): **Peopling the Purple Land: A Historical Geography of Rural Uruguay, 1500-1915**. Amsterdam: CEDLA.
- RONA, José Pedro (1965): **El dialecto fronterizo del Norte del Uruguay**. [s.n.]: Montevideo.
- THUN, Harald (1986): **Zum Status der Spanisch-Portugiesischen Sprachmischung im Norden Uruguays**. in *Neue Romania*. Sonderheft: Romanischen Sprachen außerhalb Europas. p. 37-74.
- THUN, HARALD & ELIZAINCÍN, ADOLFO (1988, ²1990, ³1992): **Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)**, Cuestionario – Versión española, [s.n.]: Mainz.
- THUN, HARALD & ELIZAINCÍN, ADOLFO (1989, ²1990, ³1992): **Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)**, Questionario português, [s.n.]: Mainz.
- THUN, Harald (1996): **Movilidad demográfica y dimensión topodinâmica. Los montevidianos em Rivera**. In *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik. Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie* (Heidelberg/Mainz 21-24.10.1991. Kiel: Westensee-Verlag Kiel, p.210-269.
- THUN, Harald (2000): **O português americano fora do Brasil**, in: Gärtner, E. et al. (eds.) *Estudos de Geolingüística do Português Americano*. Frankfurt am Main: TFM, p. 185-227.
- TRINDADE, Aldema M. et al. (1995): **Educação e linguagem em áreas de fronteira Brasil-Uruguai**. Santa Maria: Palotti.